T
C 17
P 177

ÉTICA

[TR 2]

BROCHURA PRODUZIDA PARA O
CURSO "INTRODUÇÃO À ÉTICA"
DA ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA PALAS ATHENAS

COORDENAÇÃO: BARCAT, GEORGE &
DISKIN, LIA.

São Paulo, 1985.

matéria

Ética

tema

INTRODUÇÃO À ÉTICA

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

INTRODUÇÃO

O homem é uma criatura caracterizada pelo inconformismo — jamais esteve “con-forme” ou na plena aceitação de uma forma — nunca houve homem satisfeito com o seu tempo, com a sociedade na qual estava engajado, com os homens que o rodearam, que o governaram ou que eram por ele governado; com as instituições das quais lhe coube participar ou contemplar e até com a natureza, revoltando-se ante a inclemência das secas, inundações, pragas, etc. Todo filho é inconformado, está em desacordo se não total, parcialmente com seu pai, e todo pai com seu filho e ainda cada um deles consigo próprio.

Nos séculos e milênios dos quais tenhamos ou não consciência, o homem pode ter perdido muita coisa e ganho outras, o que se manteve sempre invariável e constante foi esta insatisfação, esse inconformismo, essa inquietação.

À diferença dos animais, o homem jamais encontrou o seu espaço e o seu tempo, o seu habitat, e ser um estrangeiro em sua própria pátria é justamente o que o caracteriza. Quando Ulisses sai de Ítaca em busca de mil e um tesouros aninhados em seus sonhos, pensa como estrangeiro no estrangeiro, e quando volta à Ítaca, sente-se igualmente estrangeiro.

Errar tem sido o destino desta criatura encruzilhada por duas dimensões que jamais permitem defini-la: por um lado o cativo da raiz, por outro, a liberdade das copas.

Nestas idas e vindas, num imenso universo, a Filosofia tem sido inúmeras vezes o seu báculo, seu áuriga, a estrela distante numa noite de tormenta, o cume rochoso de uma sólida montanha numa peregrinação sem fim, o vale verdejante no meio do deserto de infrutíferas procuras.

A ela cantaram místicos, poetas, eruditos, políticos, homens de ciência e também heróicos guerreiros nascidos do mito e da história.

Quem não a tem invocado nas reflexões acerca do sentido e do fim das coisas? Quem não lhe tem pedido, ainda que seja migalhas de suas vestes, na compreensão de si próprio? Quem não sentiu o alvoroço de seu coração, ante a proximidade de seu vôo rasante e inspirador?

Oriente e Ocidente têm marcado encontro nela. O druída e o homem bíblico a perscrutaram com idêntica inquietude. Do esquimó ao nômade, do chinês ao banto, ela campeia no mar dos interrogantes.

O perguntar, o inquirir, o querer saber é um ato filosófico; o não aceitar a ignorância que se padece, a dúvida irresolúvel, é uma atitude filosófica; portanto enquanto existir pergunta, enquanto existir anseio por uma resposta, seja esta científica, estética, política ou religiosa, a filosofia será uma presença constante na vida do homem.

ORIGEM FILOLÓGICA

Atribui-se a Pitágoras a criação do termo “filosofia”, num acontecimento ocasional, em que após uma dissertação a seus discípulos sobre o sentido do ser e do estar das coisas, um deles aproximou-se e disse: “O senhor é um *sophos* (sábio)”. Ao que Pitágoras sorridente respondeu: “Não, meu filho, eu sou um *philos-sophos*”.

Philos provém do grego *philoô*, que significa amar, e *sophia* é sabedoria. Desta forma, num ato de admirável humildade, Pitágoras confessava-se um “amante do saber”, e assim cunhava um termo de vigência incontestável até nossos dias.

Tendo em vista que todo amante deseja possuir o objeto amado, ou aproximar-se o mais possível dele, ocupando o objeto de seu amor todo o caudal e matizes do sentimento, pensamento e ainda de seus sonhos, enlevado num estado de constante evocação, de íntima comunhão, de cuja conquista, viria, a seu juízo, a felicidade plena, o filósofo, cujo objeto é nada mais nada menos que a própria sabedoria, a procura em tudo quanto é forma, dimensão, idéia ou intuição.

É mister reparar que há conhecimentos que temos, como diz Platão, sem tê-los procurado; chegam a nós através da convivência com uma sociedade, uma cultura, os meios de comunicação, de maneira acidental ou ocasional. Não tivemos nenhuma proposta ou intenção de possuir tais conhecimentos. A informação recebida numa conversa entre amigos, ou ministrada através de uma palestra, passa a constituir para nós um conhecimento cuja veracidade não vamos procurar.

Este conhecimento é qualitativamente “opinião”, *doxa*. Tem a validade outorgada por alguém que a proferiu, alguém que a escreveu, algo que a manifestou, mas não nasceu de reflexão profunda, de busca de

fontes, da autoridade ou competência da investigação feita por nós.

Toda cultura tem suas alienações e preconceitos. Nesta que hoje nos cabe viver, aceitam-se como verdades irrefutáveis inúmeras *doxas* que não resistiriam à mínima reflexão.

Há, porém, uma outra qualidade de conhecimento que se possui só e unicamente quando se procura segundo determinadas vias metodológicas, aplicando determinadas “funções mentais” à pesquisa, com garantias de veracidade. A este saber Platão lhe dá o nome de *episteme*, ciência.

A reflexão nos conduz da *doxa* à *episteme*, mas nem toda reflexão, é, necessariamente, *episteme*.

DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Quando analisamos o desenvolvimento da Filosofia através dos tempos, temos de levar em conta que a transformação contínua que nela se processa deve-se à própria transformação do homem e sua maneira de conceber a si-próprio e ao mundo que o rodeia.

Na Antiguidade, o homem que antecedeu os primeiros grandes filósofos, pensava e sentia de forma muito diferente da do intelectual de nossos dias. Dois aspectos os separam:

1) A emotividade é uma característica do homem antigo, ela participa em todas as esferas de ação; hoje, entretanto, coroou-se o intelecto como única função psicológica relevante; acreditamos no “lógico”, ainda que não verdadeiro ou coerente com nossos sentimentos particulares. Nos primórdios da Filosofia, o importante e real era o que se sentia, independente da sua lógica. Perante a contemplação da natureza, a atitude de caráter emocional leva-nos a conclusões bem diversas das que teríamos se a atitude fosse de caráter intelectual, mas isto não quer dizer que ambas as conclusões tenham que ser necessariamente antagônicas.

2) O sentimento de “ego-ismo” encontra-se muito mais atenuado no homem antigo. O vínculo de união entre o “eu” e a Natureza era profundamente vivenciado nos dias de outrora; para esse homem, o amanhecer não era um simples fenômeno astronômico, identificava-se com ele, vibrava em harmonia com esse despertar, desencadeava um processo psicológico profundo que tomava posse de todo o seu ser. À medida que o sentimento e percepção do “ego” se aguçam, a distância com a natureza e o natural se faz maior.

A filosofia especulativa dominante no Ocidente teve origem direta na Grécia, que por sua vez recebeu influência dos povos orientais. Sua fase inicial é de caráter mítico, com marcada orientação religiosa. Em todo mito há um forte sentimento de unidade universal à maneira panteísta, isto é, um ser ou algo único de onde se originam todas as coisas (inclusive o homem), depois que a luz surge das trevas primordiais, depois que o “Cosmos”, auxiliado por “Theos”, emerge do “Caos” .

Os primeiros filósofos gregos, irmanados ainda com o mito, começam especular sobre a origem do cosmos; é a busca do primeiro princípio das coisas (“arquê”). Após esta fase vem o período antropológico, com os sofistas, Sócrates e Platão, onde o saber não é mais considerado uma dádiva dos deuses, mas uma conquista humana, sendo, segundo Platão, algo inerente ao homem, que apenas precisa lembrar o que já sabe porém ignora que sabe.

A filosofia deste período é metafísica, pois pretende abarcar de uma vez, numa visão unitária, todo o conhecimento e vida humanos. Percebe-se ainda um forte sentimento de unicidade entre os elementos da natureza, da sociedade e do homem, onde não existe antagonismos, mas apenas complementação de forças opostas que têm uma mesma origem. Duas finalidades são apresentadas pela filosofia da época: uma como atividade contemplativa, própria do espírito científico dos gregos, e a outra, a do amor ao lucro, sustentada por egípcios e fenícios e amplamente contestada por Platão. Ele dizia que a pesquisa do saber não pode estar submetida a finalidades estranhas, pois é uma atividade particular e excelsa do homem, que o leva à plena realização e felicidade, contactando-o com o divino e eterno.

Chegada a Idade Média, o conceito de filosofia assume características distintas. Os pensamentos e argumentos acerca de Deus, tanto os obtidos pela especulação, quanto os recebidos por revelação divina, originam a teologia, que se distancia da filosofia, ficando esta última reduzida aos conhecimentos humanos acerca das coisas da natureza e até mesmo de Deus, mas na via da razão.

Formam-se nesta época as filosofias “escolásticas” que partindo da premissa de que a verdade última é inacessível para o intelecto e que só pode ser recebida por “revelação”, pretendem “adaptar” estas visões numa forma mais racional e passível de compreensão intelectual. Sua finalidade, além disso, consiste em salientar o objetivo, tanto da Filosofia quanto da Religião, que é o da “salvação”, ou seja, da felicidade infável no “Reino de Deus”. Neste aspecto não discordam de Aristóteles,

Sócrates e outros, quando estes diziam que o fim supremo para onde a filosofia devia dirigir-se era o bem; e Aristóteles definia o bem supremo, como sendo a felicidade, que adviria quando o homem fosse dirigido pela razão coincidente com a alma.

Excetuando o campo da teologia, a filosofia continua designando todo o saber humano. Newton, por exemplo, mesmo tempos depois, expõe sua teoria da gravitação universal num livro intitulado “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”.

Nesta época, fundam-se as “universitas”, que indicavam, em princípio, o conjunto de pessoas, mestres e discípulos, que participavam do ensino numa mesma cidade. Era o “studium generalis” ou “universalis” ou “communes”. A intenção de Inocêncio III - fundador da Universidade de Paris - e Gregório IX era transformá-la num centro de estudos e divulgar o pensamento da Igreja, pois segundo eles afirmavam, “ou ela expandiria a verdade religiosa no mundo inteiro, ou seria uma fonte inesgotável de erros, capaz de envenenar toda a cristandade”.

A filosofia da Idade Moderna desenvolve-se dentro da proposta de dissociar a religião da filosofia ou ciência, arguindo serem campos de investigação diferentes, sem nada que os possa unir de forma natural. A filosofia perde seu sentido original de “conhecimento único”, e ao mesmo tempo começa a demonstrar uma preocupação maior, não com o bem supremo, mas com tudo aquilo que diz respeito à atividade humana, como a arte, a literatura, a política. Antê o desaparecimento de um objetivo último para o homem, em cuja direção deveria encaminhar-se através de todas as suas atividades, surgem centenas de objetivos menores, especializados: porém, nenhum deles é capaz de abranger integralmente a criatura humana.

Descartes e Leibniz ainda são filósofos no sentido aristotélico, pois são matemáticos, filósofos e físicos, e deram importantes contribuições nestes campos.

A filosofia, de metafísica, passa com o tempo para positivista; e acaba por resolver-se nas ciências particulares, tendo a função de unificar as próprias ciências ou de recolher seus resultados numa “visão de mundo”. À medida que se especializa, restringe o campo de observação, de onde colhe as informações. Para tirar conclusões gerais apoia-se em apenas “partes” de um todo, do qual a observação e a análise vão ficando cada vez mais distantes.

Em continuação observaremos esta transformação à luz da História, tamanha a importância de tal transformação.

Tanto Spengler quanto Toynbee, estudando a evolução das civilizações e culturas, perceberam que seguem uma linha orgânica; nascem, crescem, decaem e morrem (desintegração); sendo esta uma lei natural nenhuma sociedade humana pode escapar destas regras.

A conclusão a que ambos chegaram comparando inúmeras culturas é igualmente interessante: as fases de crescimento e decadência são similares em todas as culturas, revestidas, é claro, com suas qualidades peculiares.

No campo específico da filosofia, percebemos quatro fases marcadas e distintas.

A primeira fase, denominada “primavera” (Spengler), é o período inicial de cada cultura, quando ainda temos uma economia basicamente agrícola, onde o centro não está na cidade, mas no campo. É um período de intensa religiosidade, grandes mitos e pouca especulação filosófica.

Com o correr do tempo formam-se os “burgos”, com o desenvolvimento paralelo das classes sociais. É o “verão”, quando a civilização começa a tomar “forma”, quando, aliada a uma prolífica criatividade religiosa, surge uma filosofia ligada àquela.

O fim do “verão” com o início do “outono” indicariam o ápice da cultura. Neste período todos os seus elementos tomam outro rumo, como se obedecessem a um pêndulo. O centro da vida social passa a ser a cidade e ocorre a ruptura entre filosofia e razão por um lado, e religião por outro. Isto, no princípio, acontece apenas com relação ao método, mas estende-se posteriormente aos próprios objetivos.

O intuito de “re-ligar” o homem à sua essência interior e verdadeira deixa de existir, passando as ciências e objetivos particulares a deter o foco de atenção; esta tendência acentua-se quando a emoção, que dirige de forma predominante os homens do início da “primavera”, é substituída por um racionalismo radical disposto a destruir ou negar tudo quanto a razão não consiga compreender.

As tradicionais normas e costumes desabam face ao ceticismo, ao luxo e à riqueza; o dinheiro passa a ser cada vez mais importante; a filosofia derruba a religião e a ciência triunfa sobre a arte. Tudo o que é antigo sofre menosprezo e se enfraquece. Iniciam-se as grandes mudanças sociais e elas se refletem na filosofia.

Este é o período que, tendo raízes na Idade Moderna, vai evoluindo através do Iluminismo até nossos dias.

O “ser” abandona a cena deixando lugar ao “ter”. A competição material adquire proporções inumanas onde são quebradas todas as regras

morais de convivência. Os sentimentos mais puros empalidecem e a barbárie irrompe no seio da própria família.

Não é de estranhar, pois, que neste período surjam filosofias que afirmem que o homem é produto da sociedade, devendo ser ela a responsável pelos fracassos individuais; nem de filosofias que coloquem na sensação a origem das idéias e até do caráter.

Com o advento do “inverno”, ocorre a rápida desintegração da fé antiga, dos costumes e da moral tradicional; a arte torna-se subjetiva, bizarra; os grandes sistemas filosóficos cedem lugar à “filosofia profissional” e à “literatura de compêndio”; a técnica floresce e a religião morre.

É interessante notar como as características de decadência observadas em outras culturas estão presentes e vigentes em nossos dias: o dinheiro domina a cultura, enquanto a agricultura vê-se subordinada à indústria e às finanças. A concentração do poder social, econômico e político nas grandes cidades é um fato e suga o homem do campo reduzindo-o à esterilidade urbana. De maneira geral a qualidade é substituída pela quantidade, o bom gosto pelo exibicionismo, a beleza pela utilidade; há desintegração da arte em manias, modas e maneirismos, com uma árdua procura de estimulantes estéticos e emocionais cada vez mais fortes. Aparecem novas religiões como consolo e fuga da realidade; o domínio do luxo enfraquece o caráter e a moral, extinguindo-se a força espiritual criadora, que justamente é a responsável pelo erguimento da cultura.

Para Toynbee, um dos sinais de decadência é a substituição do poder criativo (vertical) pelo multiplicativo (horizontal). Conceber um novo sistema filosófico, uma nova concepção social ou artística é um poder criativo. Debater ou discutir sobre minúcias, querer “padronizar” a sociedade ou a arte enquanto forma, ignorando sua essência e objetivos primordiais, é lidar com a extensão, e não com a altura.

A filosofia continuou sua mutação quando em meados do século passado ganharam destaque as doutrinas econômicas, concluindo-se que a economia é o móvel da história, sendo tudo sua decorrência.

O Positivismo perde seu vigor e a filosofia reduz mais ainda seus horizontes, agora é apenas juízo sobre o saber, doutrina do conhecimento ou metodologia. Argumenta-se que a filosofia não aumenta a quantidade do saber, mas sua tarefa é pôr à prova a realidade do saber, determinando os limites e as condições deste. Locke já dizia que este conceito de filosofia nasceu da necessidade de “examinar a capacidade da mente humana

e de ver quais objetos estão ao seu alcance e quais são, pelo contrário, superiores à sua compreensão”.

Nesta incessante fragmentação, chega-se à Semiótica, que considera a natureza dos sinais de que se serve o espírito para o entendimento das coisas ou para transmitir a outrem seu conhecimento. Para Wittgenstein, por exemplo, a tarefa da filosofia é apenas a de esclarecimento lógico da linguagem. O fruto da filosofia não são proposições, mas o esclarecimento das mesmas, tomando as idéias precisas.

Esclarecemos que o retrato dado a esta evolução da filosofia, para ser conciso, requereu a omissão de diversos acontecimentos filosóficos que não representaram, contudo, a tendência comum da época.

PAPEL QUE DEVERIA TER A FILOSOFIA NO SÉCULO XX

Tem-se falado demasiadamente sobre a crise política, econômica, de valores, existencial e religiosa no século XX. Isto é irrefutável e não merece de nossa parte maiores comentários. Uma extensa bibliografia — e disto não podemos orgulhar-nos — ocupa as bibliotecas e livrarias de qualquer cidade. O que não encontramos, porém, com a mesma proliferação, é uma terapia lógica e acessível, e porque não dizer, eficaz, ainda que demorada, para os males deste século doentio, que já tem radiografias, análises de todas as espécies, fotometrias, passando por toda a gama de médicos clínicos, especialistas, doutores e professores, e aguarda desconsoladamente na maca da UTI algum herói que talvez, sem tantos títulos ou doutorados, ou técnicas ribombantes de diagnóstico, arregace as mangas e tente honestamente extirpar um órgão, ou acrescentar outro, ou simplesmente limpar os mil e um curativos que até agora não passaram de paliativos e perda de tempo, falta de misericórdia e de piedade para com o sofrimento.

No começo destas linhas dissemos que a Filosofia acompanhou o homem desde as origens dos tempos, e a simples lógica nos indica que sua constante presença tem sido, não só uma necessidade, mas um estímulo para este peregrino.

Ela deu ao homem de outrora a compreensão de seu papel dentro do universo, o significado de cada presença e cada ausência, a dimensão e o justo valor das coisas, dos pensamentos e sentimentos. Incitou-o à não acomodação, à busca de realizações mais nobres e justas, alimentou

sonhos de perfeição, dimensionando a própria natureza eterna do homem. Talvez reconquistando a nossa humildade perdida e retornando às linhas mestras da rica experiência humana destes quase 7.000 anos de história conhecida, e invocando a razão, a lógica, a clareza de pensamento, o silêncio, encontremos a trilha deixada por nossos antepassados a partir da qual poderemos abrir a estrada de um futuro mais sadio e reconfortante.

Uma das exigências básicas do filosofar é a coerência, o ser coerente em ato e pensamento, isto é, que todo e qualquer ato tenha sua autoridade e raiz no próprio pensamento. Da mesma forma que não aceitamos uma abóbora quando plantamos um pinheiro, não é admissível que os atos resultem em frutos contraditórios à sua semente pensamento.

Vivemos numa sociedade na qual as funções que se assumem ou que se escolhem não são exercidas nas suas propostas originais. Parece que a interdisciplina destas funções, em vez de enriquecer e garantir uma perspectiva universal, tem misturado suas finalidades, empobrecendo todas em grau tão agudo, que se torna difícil identificá-las.

Na natureza e no próprio homem vemos que cada parte, harmonizada sempre com o todo, permite, ante sua fiel participação, um enriquecimento de todas as outras partes, que, por sua vez, harmonizam-se com um todo orgânico e universal.

A ordem é uma necessidade vital. A ordem define, isto é, coloca limites às coisas entre si; portanto, a liberdade na área competente a cada coisa é um fato incontestável. Esta ordem e sua conseqüente liberdade ficam destruídas ou anuladas quando os limites pertinentes são ultrapassados ou ignorados.

Numa sociedade, as funções que cada indivíduo exerce possibilitam, ante seu fiel cumprimento, a harmonia com os outros indivíduos, com a sociedade e consigo próprio. Quando, porém, as funções próprias não são exercidas, advém o caos, a ruptura da liberdade e, por decorrência, a anarquia.

Se a função do médico, se o compromisso e o juramento a que se propõe dentro da sociedade é aliviar a dor, prevenir doenças acima de todas as coisas, não é admissível que seu ato ou sua conduta contradigam os compromissos previamente assumidos.

Se um advogado ou um juiz tem, no exercício de sua profissão, o dever de preservar a justiça e fazer cumprir as leis vigentes, torna-se incompreensível que na prática ponha sua inteligência a serviço de uma ganância pessoal ou de um grupo, burlando essas mesmas leis, as quais jurou velar e defender.

Porque não falar, também, do educador, do professor, cuja missão não só é transmitir um conhecimento, mas despertar nos educandos os interesses e qualidades naturais, orientando seu caráter, sua vontade, sua imaginação, para um mundo de realizações que mais tarde serão efetivadas ou não, por cada um deles, segundo suas próprias tendências. Sabemos que hoje um dos negócios mais lucrativos é justamente o da educação, relegada a uma troca de informações impessoais, sempre que exista um pagamento prévio.

Acreditamos desnecessário dar mais exemplos, pois é evidente o desligamento entre o exercício da função de cada profissão e o objetivo exigido pela mesma.

Não acreditamos que seja mister uma reformulação dos objetivos, mas sim um ajustamento, um “re-ligar” a ação com a idéia, o exercício com a função. Nisto é que a filosofia pode e deve cumprir um papel de importância capital em nossos dias, conscientizando cada um dos indivíduos, exortando um aprimoramento naquilo que lhes compete na participação ativa, dentro de um todo harmônico chamado sociedade.

Não adianta tomar esta última como bode expiatório das debilidades e fraquezas particulares. Não é ela a causa de nossa cobiça, de nossa ambição e nossa violência, mas pelo contrário, é a nossa irreflexão, incoerência, inconstância e egoísmo, que nos faz esquecer as idéias que nos temos proposto exercer quando assumimos o papel que desenvolvemos na atual sociedade.

A fidelidade a estes ideais, o sermos consequentes com os nossos objetivos poderiam muito bem ser esse valente herói que, debruçado no seu paciente “século XX”, poria fim às suas angústias e desilusões, restabelecendo uma saúde que naturalmente já existia.

O futuro, portanto, depende de nós... de cada um de nós.

FILOSOFIA E VIDA

É óbvio que não vivemos para filosofar, mas devemos filosofar se queremos viver. Esta não é uma frase ou um simples trocadilho, é uma sentença lapidar de incontestável veracidade.

As últimas manifestações filosóficas do existencialismo europeu tem-nos dado a imagem de um mundo contingente, ao qual estamos submetidos, sem maiores opções que obedecer ou morrer. A grande parte

das circunstâncias que se deparam ao homem durante a vida, não são criadas (estritamente falando) nem escolhidas por ele, passando mesmo a sofrer a pressão de tais circunstâncias, que exigem dele uma resposta, afirmativa ou negativa, uma tomada de posição, uma participação ativa, um adentrar-se na própria situação.

Costumamos viver tais circunstâncias sem respiro, sem descanso, sem o intervalo necessário entre situação e situação, intervalo que permitiria prepararmo-nos para o embate seguinte. Sem estes intervalos, sem este “sair” da situação e contemplá-la como alheia a nós próprios, é impossível mensurar e avaliar objetivamente as condições que nos impõem determinada contingência e as alternativas de resposta a ela.

Do mesmo modo que podemos apreciar uma sonata pelos silêncios que existem entre as notas, para apreciarmos as próprias condições de vida, é mister refletir, pensar-se em si mesmo, medir-se perante a situação criada, sentir-se um “alguém” vivendo tal situação. Isto torna necessário um “sair” do mundo, como genialmente fala o Dr. Ortega y Gasset, “dar as costas ao mundo e ensimesmar-se”, submergir-se neste universo que nós somos e olhar, pela janela, esse mundo em volta, fora de nós. Ante a pergunta de quem vive o que está vivendo, perscrutar-se e encontrar-se num “sem tempo”, “sem intencionalidade”, “sem propósito”.

Os múltiplos papéis que desenvolvemos no nosso cotidiano, sobrepoem-se, misturam-se, carentes de prioridades e hierarquia. Por momentos, somos filhos, por outros, pais, professores ou engenheiros, fregueses às vezes, vendedores outras, oprimidos e opressores. Identificar em todos eles quem é o constante e sempre presente “eu”, independente do papel executado, é ter a sadia margem que permite responder à vida a partir de si, e não a partir da situação ou contingência criada. Qualificar-nos individualmente, descobrindo os dotes naturais e aqueles que temos conseguido desabrochar, exigir-nos a perseverança ante um propósito é agir a partir de si, é individualizar-se, é sentir-se alguém único e irrepoduzível, original, exclusivo.

É justamente pelos momentos de reclusão em nós, de observação, a partir de nós, para o que nos é externo, que conseguimos encontrar o significado e o valor da nossa participação na vida. Sendo esta um rio inesgotável, o submergirmos nela sem a resistência natural com que uma barca enfrenta a tormenta, seria desintegrarmo-nos numa massificação, onde o conteúdo próprio seria absorvido no turbilhão do movimento. Cada indivíduo deve preencher sua existência com o conteúdo particular de si mesmo, com o brilho peculiar de suas buscas, com o som de seu pró-

prio canto incessantemente recriado.

Quando as coisas transcendentais ocupam nossas perguntas, quando as causas vitais e primeiras batem à porta das nossas buscas, e, a partir das profundas ou magras respostas que conseguimos dar a estas, respondemos aos apelos do mundo, transcendentalizamos esse mundo, humanizamo-lo, projetamos para fora o que temos descoberto dentro e, por que não dizer, divinizamos este fora a partir de nós mesmos.

A filosofia nos permite agir; quando carecemos dela apenas nos movimentamos. A diferença entre a primeira e a segunda é que ela possui uma direção, nascida da entranha da ponderação, da discriminação entre as múltiplas possibilidades que temos ao nosso dispor. Esta mesma direção prenuncia um porto, um ponto de chegada, um alvo do qual partiremos com mira a outro porto, alinhavando nossos atos numa sequência coerente com nossos propósitos.

CONCLUSÃO

Pelo que temos dito, a filosofia não é o fim da estrada, e sim o mais próximo dele. Seu valor é de instrumento, que nos permite aguçar nossos sentidos, endireitar nossos passos, robustecer a lealdade aos princípios universais e eternos, convidando-nos a integrar um coro de solenes hinos em glorificação à vida, ao belo, ao bem, ao justo.

No ato filosófico deve estar presente a coragem, coragem de antepor os próprios princípios às atraentes sereias dos comodismos e ambições; sendo um dos mais frequentes comodismos a omissão ante o erro, ou a marcação do erro sem dispor-se a participar do acerto. A crítica sistemática que impera em nossos dias está saturada disto. Mexe e remexe-se a sociedade contemporânea sob poderosas lentes de aumento, a partir das quais os intelectuais modernos, na cômoda poltrona de sua inércia, passivamente contemplam.

Enchem-se as prateleiras de nossas bibliotecas com pesados volumes de tratados filosóficos, folheados por nossos jovens, onde aprendem um ou outro neologismo, sem nada compreenderem. Mas, ó paradoxo: não temos filósofos.

A filosofia é uma ciência e uma arte que exige tudo do indivíduo, não apenas o intelecto. Talvez este tenha sido o motivo pelo qual Sócrates negou-se a escrever, alegando que a filosofia é ato, e não livro.

INTRODUÇÃO À ÉTICA E MORAL

ORIGEM ETIMOLÓGICA

As palavras são símbolos que expressam um conteúdo nem sempre identificável ou apreensível com plenitude, ainda mais quando o tempo físico e histórico distancia as culturas que cunharam determinados termos. Isto podemos ver claramente no título da matéria em questão : Ética. Sua origem etimológica, oculta já em época homérica, advém do grego *ethos*, traduzida à nossa língua pela expressão genérica de “costumes”, o que de forma alguma reflete o profundo significado que o termo em questão tinha para aquele povo.

Da mesma maneira que um objeto olhado à distância perde suas características peculiares, esfumando-se seus contornos, desaparecendo seus detalhes, os brilhos e matizes opacos, suas cores misturadas, o real significado de um símbolo – e neste caso, um símbolo palavra – se transfigura, e, porque não dizer, se desfigura.

Entendemos por costumes o uso, hábito ou prática geralmente observada. Isto nem sequer se aproxima do que o grego entendia por *ethos*, sendo este um necessário modo de ser e de agir que permitiria a convivência harmônica consigo mesmo, com outros homens e ainda com a natureza e o universo. Seria, portanto, a conduta responsável e livre mediante a qual o homem planeja sua existência em conformidade com o bem comum.

Roma, herdeira cultural da Grécia, fala-nos de *mores*, (origem etimológica da palavra moral), cuja tradução em nossa língua é também “costumes”. Daqui advém o fato de se terem identificado, associado, os termos ética e moral, que são encontrados, com não pouca frequência, como sinônimos, o que resulta num grave erro.

Não é preciso que façamos apurado estudo da história grega e romana para percebermos que os sentimentos, ideais, objetivos e buscas de ambas as culturas eram diferentes e, em alguns casos, até contrários.

O desenvolvimento da idéia de Estado, jurisprudência, estratégia militar, lei escrita, administração pública, criou no espírito romano um natural sentimento de dependência para com a pátria e seus concidadãos. Era mister, portanto, determinar uma conduta normativa que permitisse a cada cidadão desenvolver suas funções dentro de sua condição social,

dentro de determinados limites que não perturbassem a ordem conquistada.

Assim temos que o *mores* adquire a característica de ciência da conduta ou dos valores éticos, concepção que conservamos até hoje. Mas, quando falamos de ciência da ação, não devemos limitar-nos ao que externa o homem, ao que sai dele, pois a conduta não abrange somente o comportamento (tal como pretendem as correntes psicológicas positivistas e neo-positivistas), mas também as vivências impulsivas, as tendências, os sentimentos, as percepções, os processos de representação e de pensamento, enfim, a experiência interna.

Para os gregos, *ethos* não é o aspecto exterior de uma vida e nem apenas o acatamento a convenções do mero dever, mas é o ideal do homem, é a Lei do Ser, é o anseio espiritual obediente ao ditame da consciência e não apenas o prosseguimento às tradições e costumes de antepassados. Com isso, talvez compreendamos porque os gregos falavam em “conduta bela”, e não apenas em “conduta certa”.

Assim, usamos na cátedra, ainda que muitos autorés não concordem com isto, o termo “moral” para significar “os diversos costumes estabelecidos entre os povos através das eras, suas variações, transformações e modificações”, e “ética” para designar “os princípios que regem a conduta humana, os meios que utiliza e os fins a que se destina”.

NECESSIDADE ÉTICA E NECESSIDADE MORAL

Na história dos povos primitivos vemos o homem admirando a sagacidade do leopardo, a rapidez da gazela, a ferocidade do leão, a transparência das águas, o canto harmônico do rouxinol, como que extraindo da natureza determinadas qualidades ou “virtudes” que ele almejava ter. Por isso, em determinadas cerimônias, vestiam-se ou pintavam-se com os atributos de certos animais como que invocando a posse de tais qualidades.

Além disso, todas as culturas tradicionais manifestaram através de lendas, mitos ou fatos históricos, exemplos de caracteres e de atitudes, exortando seus povos a imitá-los, pois não consideravam suficiente a criação de boas leis e boas normas de conduta para tornar melhores a sociedade ou os cidadãos. Todas elas entenderam que era necessário despertar a admiração do homem por tais exemplos de vida, para garantir o aperfeiçoamento individual e coletivo.

O homem sempre esteve consciente da sua autoridade ou hegemonia sobre o mundo criado, sentiu-se superior ao reino animal, vegetal e mais ainda ante as pedras. Neste estado de quase solidão, no cume de uma montanha evolutiva, percebeu a profunda necessidade de um “maior”, de um “superior”, por quem ser protegido, instruído e animado.

É atitude natural de toda criança imitar seus pais ou adultos que a rodeiam; é como se, percebendo que é uma obra incompleta, não acabada, procura antecipar a natural evolução da vida. Todos nós conservamos esse sentimento da criança, percebemo-nos como obras inconclusas e almejamos ser algo distinto do que somos. Daqui o inconformismo do qual falamos na apostila introdutória.

A ética surge em povos cultos, o que não quer dizer intelectualizados, como a trilha ascendente que permitirá ao homem a conquista deste querer ser, deste ultrapassar-se, desse aperfeiçoar-se, pois o conceito de perfeição, talvez o mais abstrato e maravilhoso que possa conceber um ser humano, é inato e até instintivo, enraizado na estrutura biológica que desabrocha, nas almas superiores, no fervente desejo da conquista de Deus. O místico e o santo são os exemplos da primavera deste instinto, primavera que transborda os limites da experiência individual e consegue eclipsar e até mesmo imantar outras criaturas cujas almas não têm ainda esse anseio de comunhão divina.

Vemos, portanto, que o fato ético é tão próprio no homem, como o perfume na flor, o movimento no rio. Em épocas como a nossa, declarada em crise de valores, a ética está presente na angustiante busca de uma liberdade interior, mas, mal direcionada, manifesta-se principalmente na destruição de estruturas, instituições, conceitos, e até de morais. Seguramente estamos presenciando a iracúndia inicial de uma alma coletiva que esteve há muito adormecida pela falta de questionamentos reais acerca da vida e das coisas. Mas, o simples fato de questionar não significa ir em busca da resposta; pode limitar-se muito bem a um simples exercício intelectual, a um jogo inconcluso de xadrez mental, no qual a dúvida seja a bengala constante de uma paralisia temporária.

É mister, e isto dependerá de cada um de nós, abandonar as margens de uma simples crítica sistemática e, extraindo os autênticos impulsos de aperfeiçoamento, construir as bases de uma existência, seja individual ou coletiva, no espírito, por exemplo, do *ethos* grego.

A destruição é uma fase necessária sempre que, antes, se conceba uma obra melhor e mais produtiva. Mas, quando a destruição se resume num ato de violência gratuita, que revela a impotência para uma cria-

ção maior, enfrentamo-nos com uma patologia da alma que muito bem pode chegar à auto-destruição.

Isto é muito típico em sentimentos como a inveja ou a mediocridade cuja única finalidade é destruir o objeto que incomoda, porque nele se espelha a imagem do que anseia ser, mas não consegue.

Concluindo: necessitamos acalmar este touro embravecido, que quebrou as madeiras de sua cerca, com os princípios de uma ética vital e construtiva capaz de consolidar a harmonia perdida.

· ÉTICA PERMANENTE E VARIÁVEL

É evidente que os costumes vão mudando de cultura para cultura, ainda que estas coexistam. Isto não poderia ser de outra forma — embora em muitos casos seja lamentável — pois as experiências acumuladas vão transformando os perfis culturais e, na tentativa constante de acertar, o homem vai por trilhas, algumas conhecidas, outras não, em prol da construção de seu destino.

O que não podemos duvidar é a validade que estes costumes tiveram em seu momento e em seu espaço, ainda que a nosso juízo, distanciados psicologicamente da cena, possamos criticar o sentido de tais costumes. Lembremos isto, pois é muito frequente nos historiadores contemporâneos (que não fazem o mínimo esforço por encurtar as distâncias culturais) depreciar as conquistas feitas pelos homens de outrora.

Seja como for, é evidente o caráter transitório de muitos costumes. Mas, também é patente que desde o egípcio até o chinês, dos celtas ao homem contemporâneo, há um certo número de qualidades propriamente éticas, que não têm mudado.

O anseio de perfeição, a busca de felicidade, a admiração pelo belo, o respeito ao desconhecido, têm sido atitudes vividas por todos nós, e quando falamos nós, referimo-nos a este presente que assimila toda uma experiência passada, seja esta assimilação consciente ou inconsciente. As virtudes têm sido marcadas como os eficazes meios de atingir estes fins, entendendo por virtude a capacidade ou potência própria do homem de natureza ética, que desabrocha unicamente através da ação, da constância e perseverança num determinado fim, sendo este fim a busca do BEM. Cada povo frisou a excelência de determinadas virtudes e isso é o que estudaremos no transcurso desta cátedra.